



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARIANA REIS SANTOS

**“E PALAVRA AMOR, CADÊ?”: A AFETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS QUE
ATUAM COMO EMPREGADA DOMÉSTICA EM SALVADOR, BAHIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

MARIANA REIS SANTOS

**“E PALAVRA AMOR, CADÊ?”: A AFETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS QUE
ATUAM COMO EMPREGADA DOMÉSTICA EM SALVADOR, BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades sob orientação da Profa Dra. Juliana Mercia Guilherme Vitorino.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

MARIANA REIS SANTOS

**“E PALAVRA AMOR, CADÊ?”: A AFETIVIDADE DAS MULHERES NEGRAS QUE
ATUAM COMO EMPREGADA DOMÉSTICA EM SALVADOR, BAHIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades sob orientação da Profa. Dra. Juliana Mercia Guilherme Vitorino.

Aprovado em: 01/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Juliana Mercia Guilherme Vitorino

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Profa. Dra. Joyce Amancio de Aquino Alves

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Profa. Dra. Cinthia Regina Campos R. da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Para minha mãe, Sibeli Reis.

“A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade”.

(Conceição Evaristo)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. JUSTIFICATIVA.....	11
3. PROBLEMATIZAÇÃO.....	17
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
5. OBJETIVOS.....	28
5.1 GERAL.....	28
5.2 ESPECÍFICO.....	28
6. PERGUNTA DE PESQUISA.....	28
7. METODOLOGIA.....	28
8. CRONOGRAMA.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

O período de escravidão no Brasil modificou e estruturou a forma com que a afetividade da mulher negra foi construída no passado e ainda continua a ser no presente. Durante o período colonial, os escravizados sofreram incessantes tipos de violência e, para que sobrevivessem e resistissem a estes processos desumanizadores, o corpo negro se tornou fechado para a afetividade.

Os escravizados trazidos para o Brasil eram os corpos negros vindo do continente africano. Os europeus escolheram os corpos negros dos africanos devido a sua resistência biológica a algumas doenças, como a malária e febre-amarela, e por trabalharem mais em comparação aos europeus e índios, povos que também foram testados para a necessidade de mão-de-obra ocasionada pelas navegações marítimas e exploração das terras colonizadas (MOUTA, s/d).

O projeto de colonização só foi possível de se perpetuar por tanto tempo nos países que foram colonizados devido a implementação de uma ideologia que justificasse e legitimasse a ideia de que uma população era superior a outra. Essa ideologia legitimava o uso da violência sobre populações consideradas inferiores com a alegação por parte dos colonizadores de que as estavam salvando.

Durante o período colonial, foi criada a dicotomia entre os povos, sendo inventados o “outro” e o “eu”. O “outro” significava tudo o que o colonizador não queria para si, a negação, sendo atribuído a qualquer um que não se assemelhasse ao colonizador, o qual, por sua vez, representava o “eu”, o superior (KILOMBA, 2010).

A ciência foi um artifício criado para justificar a dominação e hierarquização de um povo sobre o outro durante o século XVIII, época em que a Europa vivia o período do iluminismo. Isso ocorreu, pois, as justificativas do passado não eram mais suficientes para que os europeus explorassem outras populações. Neste período, teorias como o evolucionismo cultural foram criadas, ela defendia que a cultura humana era hierarquizada e possuía o mesmo desenvolvimento em todos as sociedades, sendo a europeia o ápice. Os europeus criaram um sujeito iluminista que correspondia a um ser centrado, unificado, masculino e imutável, sendo o mesmo desde o nascimento até a sua morte, porém este ser este não abarcava outros tipos de identidades culturais (HALL, 2006).

A ideia de raça foi utilizada como justificativa científica para que a exploração sobre o corpo dos escravizados adquirisse um aval do pensamento dito racional. O conceito de raça era utilizado a partir de uma ideia de hierarquização humana, que classificava os seres humanos a partir de conceitos da biologia, sendo baseada de acordo com os fenótipos, onde o tamanho de características físicas como o crânio, lábios, nariz e queixo eram medidos e analisados. É a partir dessa definição de raças que se baseia o racismo, ideologia que acredita em uma hierarquia entre as raças humanas devido a questões biológicas e fenotípicas, sendo os brancos superiores e os negros os inferiores.

A partir desta perspectiva de raça e racismo científico, ideias como a miscigenação foram lançadas para embranquecer a população, segundo PACHECO (2008, p. 56) “neste período, o contato sexual-afetivo entre esses povos era visto de forma degenerativa, um mal que deveria ser curado, a mestiçagem representaria um perigo para qualquer Nação que pretendia alcançar o mais alto grau de evolução racial e social”.

A mulher negra escravizada não era vista como mulher, “como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório” (DAVIS, 2016, p. 17). Elas eram tratadas como os homens negros, pois não havia diferenciação de gênero entre eles, sendo ambos colocados na mesma categoria, a de escravizados. Isso ocorria devido a ideologia do colonizador de que os corpos negros não eram humanos. Para os homens brancos, o corpo negro só possuía uma única função: A de servi-los.

O sistema da escravatura definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres eram vistas, não menos que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. DAVIS, 2016, p. 17

O colonizador detinha poder sobre o corpo negro, podendo ele comandar tudo o que fosse relacionado a vida dos escravizados, desde aspectos relacionados ao seu trabalho até os aspectos da vida pessoal. Segundo DAVIS (2016, p. 20), “Assim como as mulheres negras dificilmente eram “mulheres” no sentido corrente do termo, o sistema escravista desencorajava a supremacia masculina dos homens negros”. Como não eram vistos como seres humanos, o homem negro e a mulher negra não poderiam se assemelhar aos seres superiores, os brancos europeus, sendo-lhes reservado o lugar da inferioridade, da negação. Neste espaço, a mulher negra não era vista como frágil, dócil e pra casar, e o homem negro não era visto como inteligente, que possui poder ou o líder da família.

A violência colonial se apresentava de diversas formas, mas sempre com o intuito de conquistar, dominar e reprimir o outro. Algumas violências eram físicas, como as chibatadas e o uso da máscara de ferro sobre a face dos escravizados. A segunda era utilizada com o intuito de que os escravizados não consumissem a cana-de-açúcar e cacau que plantavam e colhiam nas terras roubadas pelos colonizadores (KILOMBA, 2010). Já outras eram psíquicas, como a classificação do outro como a representação do que o que o colonizador não queria para si, sendo o outro, o corpo negro, o simbolismo da negação. Esta construção acaba por gerar um conflito com o real sujeito, pois ela é feita a partir da perspectiva branca sobre o corpo negro, uma perspectiva que não o representa quando ele se depara com o que é refletido no espelho, já que o lugar de fala dele é silenciado e, no lugar disto, é dada uma visão externa.

Preso no absurdo. Parece, portanto, que o trauma de pessoas Negras provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo branco, ou seja, a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como o ‘Outro’, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranho(a) e incomum. KILOMBA, 2010, p. 176

Segundo DAVIS (2016, p. 11), “no que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens”, já que elas não eram vistas como mulheres. Porém as escravizadas também sofriam diferentes tipos de violência ao seu corpo e mente quando comparadas aos homens negros escravizados. O gênero só era atribuído a mulher negra quando era para ser utilizado como punição. A violação do corpo da mulher na forma de estupro é um ato realizado pelo homem devido ao pensamento de que a mulher é uma propriedade e também com o intuito de ferir outro homem que se intitula como possuidor daquele corpo.

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modo cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. DAVIS, 2016, p. 19

A mulher negra também sofria com outro tipo de violência, a violência maternal. A visão colonial determinava que o filho de um escravizado também teria o mesmo destino, deste modo, o corpo negro, antes mesmo de nascer, já estava predestinado a ocupar os espaços de exploração colonial, o espaço da negação de si mesmo. Quando o filho(a) nascia, as mulheres negras tinham que abandona-los para realizar as suas tarefas ou trabalhavam com eles em suas costas utilizando um pano que era preso sobre o seu corpo, o qual é atualmente chamado de *sling*. As mulheres negras que amamentavam eram colocadas para serem amas de

leite dos filhos das esposas dos colonizadores, tendo que abandonar seus filhos para alimentar crias que não eram suas. Este pensamento se assemelha a animalização do corpo negro, onde, neste cenário, a mulher negra era tratada como uma vaca que disponibilizava leite para os bebês brancos em detrimento de suas crias.

Os colonizadores queriam introduzir a sua cultura devido ao pensamento de que eles representavam seres superiores, logo, o seu modo de vida deveria ser repassado aos escravizados. Essa hegemonia cultural resultou na exclusão de culturas que viessem do “outro”, acarretando na perda da história e identidade dos povos afetados pela exploração violenta da colonização. Neste cenário colonial de imposições, foi instalado o sistema patriarcal, que é definido pela diferença social naturalizada que as mulheres e os homens desempenham na sociedade e a soberania do masculino sobre o feminino.

No contexto brasileiro, há uma hierarquia de raça, gênero, classe e sexualidade que define qual é o lugar que o indivíduo está predestinado a ocupar na sociedade. O homem branco está no topo da hierarquia, em seguida vem a mulher branca, homem negro e, por último, a mulher negra. Isto acontece devido ao período de colonização e do sistema capitalista, os quais tem como base a exploração do ser humano. A colonização do corpo negro e o patriarcado fez com que o homem não branco, a mulher negra e a mulher branca fossem reduzidos as suas características físicas.

E aqui eu volto a esse ponto crucial: todo traço físico é em si perfeitamente indiferente. Ele só ganha sentido, ele só pode ganhar sentido na medida em que estiver associado a (ou inscrito em) um processo social: que é um elemento de uma relação constitutiva da estrutura social. E, esquematicamente, tal é o caso das ditas “raças” e do “sexo”. Ou mais exatamente das raças não-brancas e do sexo fêmea. Pois se observamos bem são só eles que têm – ou que são – “raça” e “sexo”. GUILLAUMIN, 1994. p. 230

Assim, a mulher negra ocupa a base hierárquica, a elas são designados papéis de subalternidade e servidão, que são impostos como naturais desde o período colonial, transformando este corpo em violentado antes mesmo de nascer. O racismo, classicismo e patriarcado impõe a mulher negra uma condição de subalternidade. Como elas não são homens e nem brancas, a mulher negra possui muitas dificuldades para conseguir entrar em muitos espaços.

A mulher negra não possui muitas opções de emprego, devido a fatores sociais que as colocam em um lugar de marginalidade. O trabalho de empregada doméstica é a forma mais rápida que ela consegue para adentrar no mercado de trabalho, pois se assemelha aos estereótipos estabelecidos durante a colonização. Neste contexto em que “Negam que aqui

tem preto, negão / Negam que aqui tem preconceito de cor / Negam a negritude, essa negação / Nega a atitude de um negro amor” (CÉSAR, 2015)¹, o corpo da mulher negra depara-se com uma negação, que, além de negar a si mesma, também nega a afetividade. Em um mundo que o corpo negro se vê constantemente analisado, oprimido e em contato com a diáspora, onde “olhares brancos me fitam, há perigos nas esquinas e eu falo mais de três línguas. E a palavra amor, cadê? E a palavra amor, cadê?” (LUNA, 2017)², em que lugar fica a afetividade negra? Tendo em vista que o processo colonial deu ao corpo negro a experiência de que ser negro é ruim, algo que ainda é perpassado atualmente, apesar de movimentos políticos relacionados a resistência, recuperação da identidade e equidade das raças, gênero, classe e sexualidade, como o feminismo negro.

De acordo com esta conjuntura, este projeto pretende analisar a mulher negra que atua como empregada doméstica em Salvador e como são construídas as suas afetividades no contexto contemporâneo. As metodologias utilizadas para esta pesquisa serão a qualitativa, revisão bibliográfica e entrevistas narrativas. A última será feita com o foco no lugar de fala das empregadas domésticas negras em Salvador. A revisão bibliográfica será feita com o suporte da tese de Ana Cláudia Lemos Pacheco intitulada *“BRANCA PARA CASAR, MULATA PARA F..., NEGRA PARA TRABALHAR”*: ESCOLHAS AFETIVAS E SIGNIFICADOS DE SOLIDÃO ENTRE MULHERES NEGRAS EM SALVADOR, BAHIA e a tese de Andressa Marques da Silva intitulada *POR UMA PROMESSA DE VIDA MAIS VIVA: RELAÇÕES AFETIVAS DE MULHERES NEGRAS NO RAP E NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO* além de utilizar outros autores, dentre eles estão Djamilia Ribeiro, bell hooks, Marystela Tomaz de Andrade Silva, Jurema Brites, Angela Davis, Sojourner Truth, Preta Rara. Este conjunto de autores ajudará a nortear esta pesquisa para compreender como se deu a construção de afetividades de mulheres negras atuantes como empregadas domésticas na cidade de Salvador?

2. JUSTIFICATIVA

Como mulher negra, o espaço de afetividade não representava o centro das minhas preocupações, na verdade, ele sequer estava presente como algo que eu deveria pensar para a minha vida. Desde criança, minha mãe, mulher negra e empregada doméstica, não era muito

¹ Vídeo de Chico César, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T9m-zRE9kQk>

² Vídeo de Luedji Luna, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>

afetiva comigo. Ela demonstrava a sua afetividade através de formas materiais, quando podia, sendo raro eu receber alguma ação afetiva através de um abraço, cafuné ou até mesmo algum incentivo que elevasse a minha autoestima diante de situações do racismo estrutural.

Por conta disto, já cheguei a achar que minha mãe não me amava. Algo que não vejo da mesma forma hoje em dia devido a consciência que adquiri através de leituras acadêmicas do curso de humanidades da UNILAB³, os quais me mostraram narrativas silenciadas pelo eurocentrismo e através do feminismo negro, que me expôs a visão de que, por sermos mulheres negra - eu, a minha mãe e todas as pretas - nos é negado tudo, inclusive a afetividade.

O texto de bell hooks “Vivendo de amor” (1993) fala sobre afetividade negra a partir da perspectiva estadunidense e de como o amor pode nos curar. hooks fala sobre um livro biográfico “O hábito da sobrevivência” de Kesho Scott, nele é retratado um episódio racista de sua vida quando tinha 13 anos, onde teve sua cabeça colocada na privada por meninas brancas de sua escola, pois elas não queriam a companhia de uma menina negra quando fossem nadar. A mãe dela, ao invés de abraçá-la e confortá-la, a criticou e a retirou do ambiente.

Outra narrativa similar com a deste livro é a da primeira cena do filme “Felicidade por um fio” (AL-MANSOUR, 2018) disponível na Netflix⁴, que mostra um episódio da infância de Violet Jones, personagem principal, em um clube, onde havia várias crianças brancas com a aparência despojada brincando, enquanto que ela tinha que estar sempre perfeita, devendo ser sempre melhor que os outros. Violet ignorou as informações da mãe e pulou na piscina, porém foi ridicularizada pelas outras crianças, já que seu cabelo, ao ser molhado, havia voltado ao seu formato natural de cabelo crespo. A mãe de Violet, ao invés de conforta-la, a retirou do local com um olhar de repreensão.

Essas situações em torno das relações sociais afetivas são semelhantes e são as marcas deixadas no corpo negro devido ao período de colonização. As crianças negras aprendem, desde cedo, que a sua afetividade não é importante, e que elas precisam permanecer sempre fortes diante da estrutura racista, não podendo demonstrar afetividade, pois isso é sinônimo de fraqueza. Devido a esta realidade, durante a fase adulta, se cria um corpo fechado à afetividade, algo que é perpetuado de geração a geração desde os períodos coloniais.

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em São Francisco do Conde.

⁴ Felicidade por um fio (Mansour, 2018), disponível em: <https://www.netflix.com/title/80189630>

impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. hooks, 1993, p. 231

O corpo negro durante o período colonial era alvo dos mais variados tipos de violência, o escravizado estava em um cenário onde se via sendo agredido e também se deparava com a agressão sobre os corpos de pessoas próximas. Diante deste ambiente, percebeu que não estar aberto para a afetividade era a forma mais segura de se proteger, resistir e sobreviver a desumanidade.

A abolição da escravatura gerou uma falsa sensação de liberdade para os escravizados, pois os espaços destinados aos negros ainda eram os de subalternidade e servidão. Alguns movimentos sociais fizeram com que esse quadro se modificasse um pouco no contexto atual, hoje em dia, pessoas negras podem votar, têm direito a cotas, o racismo é considerado crime, algo que não ocorria durante o período colonial. O feminismo negro é um destes movimentos, o qual visa a equidade para todos e foca nas questões relacionadas a mulher negra. Ele é uma vertente do feminismo, um movimento que excluía as questões das mulheres negras em suas pautas, visando apenas o lugar de fala da mulher branca de classe média.

O feminismo é um movimento social que começou entre o século XIX e XX e é de suma importância para as mulheres ocidentais, pois com ele foi possível a observação e críticas a alguns comportamentos opressivos direcionados às mulheres, os quais sempre foram historicamente naturalizados pelo patriarcado. Este movimento é dividido, segundo o meio acadêmico, em ondas.

As sufragistas foram responsáveis pelo início do feminismo, representando a primeira onda. Foi um movimento político feito por mulheres, as quais reivindicavam o direito ao voto, ao divórcio, à educação e a posse de bens. Fatores como a migração da mulher do campo para as indústrias ajudaram para que uma articulação de mulheres se formasse.

Sobre as reivindicações do feminismo da primeira onda como o divórcio, é importante ressaltar que a ideia de casamento na sociedade ocidental geralmente está associada as mulheres brancas. Isto ocorre devido ao processo de colonização que houve no Brasil, o qual gerou sobre o corpo da mulher negra a objetificação e sexualização exacerbadas, colocando-as na posição de alguém que não foi feita para estar em um relacionamento sério, que está ali apenas para fornecer prazer ao homem. As mulheres negras são preteridas quando se trata de relacionamentos, independentemente da sua orientação sexual, pois possuem dificuldades em encontrar parceiros fixos. Tais fatores contribuem diretamente para reforçar a solidão da

mulher negra na sociedade, condição que a mulher branca não sofre, pelo menos não devido a questão da cor da pele.

A segunda onda do feminismo começou em 1960 e durou até 1980, era uma continuidade da primeira onda. As diferenças entre esses movimentos era de que, no primeiro as mulheres lutavam por direitos políticos e jurídicos e no segundo, elas visavam a igualdade entre os sexos e o fim da discriminação, rompendo com os padrões sexistas da época. Essa fase encorajava as mulheres a serem politizadas e combaterem as estruturas sexistas de poder. Também passou a criticar a relação da mulher com a maternidade, o fato delas sempre terem que cuidar do lar e dos filhos. Isto gerou uma maior independência das mulheres brancas, fazendo com que saíssem das funções do lar e fossem trabalhar fora.

Em relação as reivindicações das mulheres da segunda onda, faz-se necessário frisar que as mulheres negras sempre trabalharam para sustentar a si e sua família. A solidão da mulher negra e o estereótipo colocado sobre seu corpo contribuíram diretamente para que elas fossem responsáveis pela administração de sua família. Enquanto que as mulheres brancas, por serem vistas como frágeis, cuidavam de suas casas e administravam as suas empregadas domésticas, em sua maioria, negras, fato este que mantém a mesma estrutura colonial.

A terceira onda do feminismo tem o seu começo nos anos 1990 e foi uma época marcada pela criação de outras vertentes feministas, as quais criticavam a universalização do feminismo, pois padronizava o que era ser mulher a partir do ponto de vista Ocidental, ignorando as outras visões de mundo e questões de raça. Devido a falta de identificação com a universalização da mulher a partir da visão eurocentrada, branca, heterossexual e de classe média, movimentos como o mulherismo do continente africano o feminismo negro foram criados. O feminismo negro é de suma importância para o Brasil devido aos contextos coloniais pelo qual o país passou.

A terceira onda veio para dar outras visões ao movimento feminista e tratar melhor sobre a pluralidade da mulher e as suas questões individuais, já que a cultura e as características da mulher modificam a forma como ela é tratada e como ela vê o mundo. Algumas mulheres negras também participaram da primeira onda do movimento feminista, porém, devido ao racismo, elas eram silenciadas, já que o movimento feminista estava preocupado com as questões da mulher branca e de classe média.

O movimento feminista deu uma maior liberdade as mulheres brancas de classe média, as quais começaram a ter o privilégio de sair de suas casas e trabalhar fora. Porém esta realidade acabou por gerar uma nova situação, quem iria cuidar da casa e de todos os membros que o compõem, já que esta função, devido ao patriarcado, é essencialmente feminina? A resposta para este problema estava em atribuir estas funções a outras mulheres. Neste quadro, o trabalho doméstico representava o alívio para as mulheres brancas de classe média, pois dava-lhes a segurança de que a sua casa, seus filhos, animais e idosos estariam em segurança e organizados. Situação esta que, para os homens brancos de classe média, não faz diferença, já que eles não são criados para cuidar do lar e das crianças, eles são ensinados a gerir e manter economicamente a sua família (BRITES, 2007).

O trabalho doméstico é desempenhado, em sua maioria, por mulheres. Isto ocorre devido a suas funções que giram em torno do cuidado e limpeza da casa, coisas que sempre foram essencialmente atribuídas como naturais para elas. Este fato gera a percepção de que o emprego doméstico não deve ser remunerado ou que, quando é remunerado, é muito mal pago. Da empregada doméstica, espera-se que elas cumpram, de forma afetiva, obediente e discreta, as suas tarefas relacionadas ao cuidado da casa, dos filhos, idosos e animais (BRITES, 2007).

Devido ao período colonial que direcionou e estereotipou o lugar onde o corpo negro poderia ter acesso e ao capitalismo que utiliza as desigualdades sociais e raciais para concentrar a riqueza na mão de poucos em detrimento da maioria da população, o emprego doméstico é desempenhado, em sua maioria, por mulheres negras. A Constituição Federal de 1988⁵ não abarcava as questões das empregadas domésticas, sendo este serviço oficialmente regularizado apenas no século XXI, em 2013, através da Emenda Constitucional n° 72/2013⁶, também conhecida como PEC das domésticas. Em 1 de junho de 2015, houve a regulamentação com a lei complementar n° 150⁷, que atribuiu mais direitos a este tipo de serviço, como o FGTS, seguro-desemprego e adicional noturno. Esta situação demonstra o descaso com este tipo de trabalho, que tem como fruto a perpetuação do pensamento colonial, patriarcal e capitalista que tratam com descaso as funções desempenhadas, em sua maioria, por mulheres e homens negros.

⁵ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>

⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm

⁷ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2015/leicomplementar-150-1-junho-2015-780907-publicacaooriginal-147120-pl.html>

De acordo com a OIT⁸ em parceria com a Dieese⁹ (2005), as 6 regiões metropolitanas - Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo - apresentam um quadro em que o trabalho doméstico é uma das principais fontes de renda para a inserção das mulheres negras no mercado de trabalho. Em Salvador, a diferença racial está colocada em relação as mulheres, sendo a ocupação total das mulheres negras em relação ao trabalho doméstico, quando comparadas as mulheres brancas, mais que o triplo, o que se difere das demais capitais.

Segundo o estudo da PED¹⁰ em parceria com a Dieese (2018, p. 6), em Salvador, “considerando as características de raça ou cor das empregadas domésticas, verifica-se esmagadora maioria de mulheres negras. Em 2012, 95,8% das empregadas domésticas eram negras, passando para 94,8% em 2017”. Esta situação pode ser explicada pelo fato de Salvador ser a cidade mais negra fora da África e por conta da diferença entre a escolaridade da mulher negra e das não-negras, onde a primeira, geralmente, tem que interromper seus estudos para sobreviver.

Diante deste cenário que coloca a mulher negra em uma posição de subalternidade naturalizada, sendo mais difícil para elas acessarem espaços diferentes do cuidado, limpeza e servidão, em que lugar se encontra a afetividade? Tendo em vista que, devido os processos históricos ocorridos no Brasil, a mulher negra sempre foi barrada de praticar e receber o ato de amar.

A afetividade da mulher negra que atua como empregada doméstica em Salvador é uma questão que deve ser analisada, pois ela é negada desde o período colonial, o qual gerou um corpo negro fechado para o afeto devido a questões de resistência e sobrevivência diante de um cenário que depositava desumanidade sobre os seus corpos com a justificativa de superioridade mantida pelo ego do homem branco europeu. O racismo, classicismo, machismo e sexismo causam o silenciamento das mulheres negras. Neste contexto, o corpo da mulher negra empregada doméstica sofre diversos impactos sobre a sua afetividade e, assim como as suas antepassadas, continuam a perpetuar e repassar seus traumas para seus descendentes.

⁸ Organização Internacional do Trabalho.

⁹ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

¹⁰ Pesquisa de Emprego e Desemprego.

3. PROBLEMATIZAÇÃO

A mulher negra não era vista como humana durante o período colonial pelos colonizadores, visão esta que continua presente, de forma mais sutil, nos atos e falas das pessoas. Durante o período colonial, a mulher negra era vista apenas como um corpo que poderia gerar riqueza para seu colonizador, sendo-lhe atribuída apenas a classificação de escravizada. Na atualidade, a mulher negra também ocupa um lugar pré-determinado, geralmente, o seu primeiro acesso ao mercado de trabalho é como empregada doméstica. Devido ao período colonial, o corpo da mulher negra ocupa um lugar de marginalização, onde lhe é negado tudo, inclusive a afetividade.

O movimento sufragista lutava pelos direitos das mulheres através da ideia de universalização, a qual não abarcava questões de mulheres não-brancas, pois suas pautas eram voltadas para a mulher branca de classe média. Porém, apesar de não estarem presentes no significado do que é ser mulher, mulheres não-brancas também participaram deste movimento, como é o caso das mulheres negras. Estas últimas sempre foram silenciadas pela sociedade devido a estereótipos criados desde o período colonial e reforçados pela ideologia racista, machista, sexista e classista presente na sociedade.

Soujourner Truth nasceu no ano de 1797 em Nova Iorque e morreu em 1883 em Michigan. Ela foi uma mulher negra que fazia parte do movimento sufragista e fez um discurso, o qual foi registrado por Marcus Robison, no dia 21 de junho de 1851, no *The Anti-Slavery Bugle*¹¹, falando sobre a sua experiência como mulher negra em relação ao gênero, onde não era vista e nem tratada como a mulher que o movimento feminista universalizava. Soujourner questionava se também não era uma mulher a partir da perspectiva da sociedade, relatando que nunca foi tratada como uma. A partir deste discurso é possível analisar as fortes marcas, dores e traumas que o corpo e mente da mulher negra são expostos apenas por conta da sua cor, os quais podem ser intensificados de acordo com características físicas e a intensidade da melanina. A mulher negra se fecha para a afetividade por conta da falta de humanidade que a sociedade tem para com ela, por conta de uma ideologia que as hierarquiza e as separa da dignidade humana.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim!

¹¹ RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? apud RIBEIRO, 2017, p. 20

À mulher é atribuído o papel da feminilidade, que tem como traços a sensibilidade, maternidade e submissão. Porém isto difere do papel social imposto a mulher negra, a ela é atribuído traços como: forte, hiperssexualizada, maternal e servente. Durante os períodos coloniais, as mulheres negras escravizadas eram amas de leite dos filhos das senhoras, sendo obrigadas a cuidar dos filhos dos seus senhores e abandonar os seus próprios filhos além de terem que cuidar da casa e realizar trabalhos braçais nas fazendas, pois não havia distinção de gênero. É importante ressaltar que muitos dos filhos das escravas eram frutos de relações de poder sobre o corpo destas mulheres através do estupro cometido pelos seus senhores e/ou dos escravizados e que, segundo hooks (1993), os senhores tratavam os filhos das escravizadas como se fossem animais, pois eles, assim como suas mães eram colocados, antes mesmo do nascimento, na posição de escravizados.

As mulheres, mesmo com os avanços do movimento feminista, ainda sofrem com diversas opressões diárias, as quais podem ser agravadas devido a fatores como raça, classe, aspectos culturais, orientação sexual e identidade de gênero. O patriarcado impõe a mulher um lugar de desigualdade em relação ao homem. No Brasil, segundo PISCITELLI (2009), as mulheres estudam mais anos do que os homens, porém ganham menos do que eles. Há também uma disparidade quando se trata da mulher negra e branca, a primeira ganha menos do que a segunda.

O feminismo negro tem como essência a visão de que as narrativas silenciadas das mulheres negras devem ser ouvidas, que o lugar de fala delas deve ser ecoado. Segundo RIBEIRO (2017, p. 13), “ainda é muito comum se dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário. Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões”. Este discurso geralmente vem de camadas que acreditam que não há diferença entre seres humanos, que todos são tratados como iguais, porém é só analisar a desigualdade social, racial, de gênero e de sexualidade existente no Brasil para ver que ele é sustentado pelo pensamento patriarcal e pela lógica eurocêntrica, onde não há lugar para tratamento igualitário entre os seres humanos.

Segundo HALL (2006), o sujeito iluminista criado pelos europeus não abarcava as novas identidades dos sujeitos modernos, os quais não possuíam uma identidade fixa, ela era

fluída podendo se modificar ao longo de sua vida. Este sujeito suprimia o lugar de fala do outro. Segundo RIBEIRO (2017, p. 90), “Pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia”, logo, o lugar de fala, neste contexto, torna-se um elemento muito importante para as populações colocadas em lugar de subalternidade devido a características físicas, biológicas e/ou sexuais possam, finalmente, serem ouvidas e romperem com a hierarquia do lugar de fala.

O feminismo negro torna-se importante para o movimento da negritude por focar nas questões das mulheres negras, as quais sempre foram silenciadas e subalternizadas. Devido a este movimento, foi possível haver estudos nas ciências humanas sobre as mulheres negras, os quais buscam analisar e explicar os fatores que as levam, geralmente, a ocupar espaços considerados subalternizados. Além de também ser possível o estudo sobre a questão da afetividade em suas vidas. Dentre eles, destaco a questão da afetividade da mulher negra que trabalha como empregada doméstica em Salvador, pois elas possuem semelhanças com o período colonial.

O trabalho doméstico possui várias similaridades com as relações e ideologias desenvolvidas durante o período colonial. Segundo SILVA (2008), após a lei áurea, imigrantes europeus começaram a ocupar o lugar que antes era realizado pelos homens negros, os quais ficaram sem emprego e, devido aos estereótipos empregados sobre os seus corpos, iam para o mundo da marginalidade. Desta forma, as mulheres negras continuaram a trabalhar nas casas dos ex-senhores, sustentando as suas famílias através de trabalhos considerados subalternos “cozinhando, amamentando e criando os filhos dos patrões, vendendo quitutes nos mercados” (SILVA, 2008, p. 23). Tal formação sugeriu para os autores que estudavam as relações inter-raciais a instituição do matriarcado para as mulheres negras, as quais tem mais propensão a não terem parceiros fixos e sustentarem a sua família devido a estereótipos que marcam o seu corpo e suas relações sociais afetivas. Em sua obra, PACHECO (2008) faz um caminho histórico sobre as pesquisas que envolviam relações inter-raciais, demonstrando que, no início, essas pesquisas estavam permeadas de preconceito e discriminação racial, e, somente a partir da década de 70 houve uma nova interpretação, onde demonstrava que havia um sistema de privilégios e exclusão baseados nas questões raciais.

Como já foi visto, esses estudos são importantes fontes de indicação sobre a “solidão” afetiva das mulheres negras baianas. Eles confirmam os estudos anteriores sobre o matriarcado negro: a) há um arranjo predominante na organização familiar na Bahia de mulheres, em sua maioria, negras como chefes de família, sem cônjuge;

b) a maioria das chefes é do meio popular; c) desempenham funções desvalorizadas socialmente, como os trabalhos domésticos precarizados. Uma observação torna-se necessária com relação a estes estudos: de que as mulheres negras que “comandam” seus grupos domésticos o fazem, em sua maioria, sem parceiros / sem cônjuge. PACHECO, 2008, p.76

O trabalho doméstico está geralmente associado as mulheres negras, as quais tem esse tipo de serviço como a forma mais fácil de se inserir dentro do mercado de trabalho de um sistema capitalista perverso. Desde o seu nascimento, a mulher negra é negada a ter mínimas condições de dignidade humana, as quais envolvem questões como: saúde, educação, segurança, direito à vida, igualdade de gênero e racial, liberdade de expressão e cultura. A hierarquização racial, gênero, classe e sexual coloca a mulher negra em uma posição desfavorável, sendo ela a ocupante da base, sofrendo opressões das outras camadas que estão acima. Essa condição deixa a mulher negra em uma situação desfavorável em todos os aspectos, inclusive os que giram em torno da afetividade.

Outro aspecto é que as mulheres negras que entram no mercado de trabalho como domésticas tem que, muitas vezes, passar mais tempo com os familiares de seus patrões do que com os seus. O emprego doméstico também designada a função da afetividade, com determinadas limitações, pois elas passam a maior parte do tempo dentro de uma casa que não é a sua. Elas costumam cuidar das crianças dos seus patrões por cerca de 2/3 de tempo quando comparadas aos pais da criança, criando, deste modo, laços afetivos, os quais, se quebrados, podem gerar fortes impactos a saúde física e mental entre as partes envolvidas (BRITES, 2007).

Joyce Fernandez, conhecida pelo nome de Preta Rara, é graduada em História, rapper e ativista, e se tornou uma representatividade para as empregadas domésticas após a criação de sua página no Facebook chamada “Eu, empregada doméstica” em que expõe relatos próprios e de outras mulheres que desempenhavam este serviço. Ela atuou como empregada doméstica e fez um poema que contava sobre a situação trabalhista em que se encontrava. Nele, é possível perceber, na prática e a partir do lugar de fala de quem possui propriedade, que o acesso ao mercado de trabalho as mulheres negras se resumem a limpeza e cuidado do lar, e que, mesmo que busquem qualificação profissional, elas ainda são barradas de adentrar espaços diferentes dos que são naturalizados para elas. Também fala sobre a conformidade que as empregadas domésticas possuem por não conseguirem algo que queiram fazer, acabando por aceitar desempenhar essa função para sobreviver. Esse poema demonstra a desigualdade existente no Brasil, um país que veicula a ideia de que somos todos iguais, não

havendo espaço para o discurso de diferenciação entre os seres humanos e, consequentemente, tal atitude acaba por perpetuar as desigualdades existentes.

Nas pequenas historietas da vida, venho recitar minhas rimas no sol nascente em Santos. Me preparo para tomar um banho, sempre disposta a não se render aos encantos de quem espera sempre alcança, quem acredita sempre alcança. Nem acredito, logo perco as esperanças, mas na labuta diária, eu sei quem sofre. Lavo louça, faço comida, o meu salário acaba igual essa correria. “Estuda menina”, era o que me diziam. Estudei, mas estou aqui, eu não entendo. Oportunidade de serviço teve de monte: Cozinha, faxineira... Por que não me contratam no shopping? Eu não entendo... Esforcei-me tanto para pagar um curso de secretária, mas sequer entrei dentro de um escritório. Opa! Desculpa! Cometi um erro, entrei sim! Para limpar tudo e lavar o banheiro. Os dias passam, os meses voam e os anos também se vão e eu aqui na mesma situação. D-O-M-É-S-T-I-C-A: doméstica! Se fosse por opção, tudo bem, tenho várias amigas que estão nessa situação e já se conformaram, mas eu não! Quero conquistar novos ares, por favor, moço, me dê uma oportunidade. E o moço me disse: “Você segue esse corredor, vai reto, vira à esquerda, entra naquele quatinho que a vassoura está à sua espera. Seja bem-vinda”. RARA, 2011

Durante uma palestra dada ao TED¹², RARA¹³ (2017) fala sobre a experiência obtida depois da criação de sua página, contando sobre seus relatos e os que recebe em sua página, os quais, em 2016, ainda demonstravam traços da escravidão sobre os corpos das empregadas domésticas. Rara conta que, em 2009, no seu último emprego como doméstica em Santos, ela não podia comer a mesma comida de sua patroa, tendo que trazer os utensílios e comida de sua casa para poder se alimentar, além de também não poder utilizar o banheiro principal da casa. Um dia, o banheiro das empregadas quebrou e ela teve que ficar 9 horas sem poder utilizar devido a postura escravocrata da sua patroa que dizia que ela era quase da família. Neste aspecto, nota-se que a afetividade em relação a empregada doméstica é seletiva, sendo o discurso delas serem quase da família um exemplo disto. Quem é da família não pode ter o direito a acessar e utilizar os mesmos espaços? O quase é o que as separa da humanidade, dignidade e afetividade.

Assim, pergunta-se: de que forma a colonização e seu embate com o corpo atingiram a construção de afetividades de mulheres negras atuantes como empregadas domésticas na cidade de Salvador?

¹² Technology, Entertainment, Design; em português: Tecnologia, Entretenimento, Planejamento.

¹³ Vídeo da palestra de Preta Rara disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A branquitude hierarquiza os seres humanos desde o período colonial através da dicotomia do eu e outro. Essa hierarquização e o racismo científico proporcionaram ao corpo negro a negação da afetividade. Segundo PACHECO (2008, p.54), “há o entendimento de que a área das emoções, dos sentimentos, expressa formas de comportamentos interpessoais e padrões de conduta, isto é, a emoção tem um papel central na construção do mundo, ela expressa a própria cultura”. Ora, se a cultura do Brasil foi construída sobre o imaginário que coloca algumas pessoas devido as suas características físicas, biológicas e culturais em posição de subalternidade e essa tem como justificativa o meio racional, as ações afetivas expostas a estes corpos também serão negadas.

A obra de SILVA (2013) e PACHECO (2008) falam sobre a afetividade das mulheres negras, mas com focos diferentes, a primeira fala sobre as mulheres de Salvador, separando estas em várias classificações como a de ativistas e não-ativistas, já a segunda retrata a afetividade da mulher negra no rap e na literatura brasileira. Ambas utilizam os ditados populares “Branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar” que, segundo SILVA (2013, p. 16), foi “recorrente em meados do século XVIII e no XIX” e, de acordo com PACHECO (2008, p. 54), “foram evocados e legitimados na obra freyreana, funcionam como elementos estruturantes das práticas sociais e afetivas dos indivíduos”.

As relações afetivas são construídas a partir do imaginário imposto no ditado, o qual coloca a mulher branca como ideal para constituir o matrimônio, status requerido pelo ideal de amor romântico e os valores da dita família tradicional brasileira, enquanto que as mulheres negras tem como função servir o homem, sendo categorizada em duas: mulatas e negras. A primeira é a mulher negra que possui traços de mestiçagem, tendo a pele mais clara e está ligada ao imaginário da hiperssexualidade, já a segunda, é a mulher negra retinta, a qual não deve ser usada para suprir os seus desejos sexuais, só tendo a função de servir, limpar e cuidar. De acordo com SILVA (2013, p. 16), “Os três verbos presentes no período em questão (casar, foder e trabalhar) seguem uma linha de gradação modificada de acordo com o “sujeito” que o acompanha”.

“Casar” é o verbo que confere dignidade, aquele que firma o contrato social entre as famílias, Deus e a sociedade, trata-se do verbo que conjuga a respeitabilidade do homem perante seus iguais. “Foder” é o verbo palavrão, aquele que não deve ser pronunciado, visto que é permeado por uma carga conotativa indecorosa, o prazer que tal verbo designa deve ser escamoteado daquilo que seria oficial e sacramentado por Deus. “Trabalhar” é o verbo que, até então, denominava uma prática social

masculina; no contexto da frase em questão, ele designa a ação que torna o sujeito completamente assexuado e, portanto, disponível exclusivamente para desempenhar o papel de mão de obra. SILVA, 2013, pp. 16 - 17

Segundo SILVA (2013), o afeto está ligado a mulher branca, o prazer a mulata e a necessidade a mulher negra retinta. A mulata era diferenciada da retinta devido a questão de status que uma pele mais embranquecida dava ao indivíduo. Isto ocorria por conta da hierarquia racial, onde quanto mais o indivíduo se assemelhasse ao dito ideal, o branco europeu, mais status social ele adquiria. A autora demonstra que essa ideologia também está imposta na literatura brasileira através da exposição dos estereótipos construídos sobre a mulata. Ela estava em um lugar sexualmente naturalizado para que os homens, principalmente o homem branco, pudessem se satisfazer sexualmente mesmo sem o consentimento delas. Já que elas eram seres ditas naturalmente sexualizadas, sendo esta afirmação utilizada como desculpa para que abusos e violências sejam acometidos para estes corpos.

Teorias de embranquecimento racial foram circuladas e afetaram a forma com que os relacionamentos afetivos foram construídos na população brasileira. A miscigenação foi um destes artifícios, sendo utilizada em favor de uma dita democracia racial, a qual tinha como objetivo exterminar a população classificada como inferior, os negros. De acordo com PACHECO (2008), a miscigenação possuía dois lados, alguns autores e pessoas acreditavam que a relação entre raças diferentes era abominável, algo que deveria ser curado, pois representava o perigo de que a nação não alcançasse a evolução racial e social. Já outros acreditavam que a ideia de embranquecimento da população brasileira ajudava a erradicar, de uma vez, a população negra.

O imaginário imposto ao corpo negro ainda representava algo de ruim que não deveria ser propagado e precisava ser exterminado. Quanto mais o corpo se assemelhasse a branquitude, mais status social ele possuía. O preterimento da mulher negra está fortemente atrelado a ideia da miscigenação, pois tanto o homem negro quanto o branco preferiam manter relações afetivas e oficializadas com mulheres brancas e utilizar as mulheres negras para apenas se satisfazerem sexualmente.

A miscigenação brasileira é uma prática cultural que se realiza muito mais pela preferência afetivo-conjugal de homens negros por mulheres brancas, do que ao contrário, como atestam alguns estudos, o que contraria o modelo freyreano de uma democratização das relações sexual-raciais no Brasil. PACHECO, 2008, p. 54

Segundo PACHECO (2008, p. 105), “a questão do corpo vai além das práticas sexuais. O corpo na verdade, também, expressa relações social-afetivas”. Além de expressar as relações de afetividade, o corpo é delimitado as suas características fenotípicas e

biológicas, o que pode excluí-lo de interações afetivas caso suas características sejam inferiorizadas socialmente. A ideia de amor romântico incorpora sobre si a ideia de que o corpo é limitado apenas as suas características. Ela é construída na sociedade através de um ideal de amor que deve ser alcançado para que o indivíduo chegue a felicidade, onde, “na contemporaneidade, os sujeitos se preocupam excessivamente com o próprio bem-estar, condicionados pela busca da certeza de que o escolhido é único e eterno, sob o impulso do individualismo e das regras burguesas” (SANTOS, et al., 2014, p. 115). Essas regras burguesas representam a branquitude, lugar em que a mulher negra não possui espaço além do que já lhe é pré-determinado.

O ideal romântico abarca em si uma delimitação corpórea do objeto possível de ser amado, e os corpos à margem do amor quimérico foram representados sob uma perspectiva que não só os excluiu do palco das interações afetivo-românticas como também imprimiu em suas vivências possíveis novos arranjos para o cultivo do afeto. SILVA, 2013, p. 19

Desde a infância, já se é criado e instituído um ideal de amor construído pela sociedade, em que sempre há um príncipe que vai ao resgate da sua princesa, a moça indefesa, bela, recatada e do lar, sendo a mulher negra excluída deste cenário, já que a ela nunca é atribuída o ideal de alguém feita para se casar e nem possui tais características atreladas a si. O amor romântico naturaliza ações violentas em prol do romantismo. O ciúme é um dos elementos mais utilizados para construir o ideal romântico, o qual, segundo SILVA ET AL. (2013, p. 4), “é evidente, portanto, que o ciúme – considerado um dos principais componentes do mito do amor romântico – funciona como ferramenta de reforço da submissão de uma pessoa sobre a outra”. Esta submissão é fonte do patriarcado, onde as relações de gênero são hierarquizadas e o homem, neste sistema ideológico e cultural, pode fazer o que quiser com a mulher, independentemente de ter laços matrimoniais ou não.

A violência de gênero é naturalizada para a mulher devido a relação de propriedade que o corpo delas representa para os homens, porém, para a mulher negra, estas questões vão além desta relação. Além do machismo, há o marcador de raça, onde o racismo faz com que o corpo da mulher negra seja objetificado a partir de visões colonialistas. A negação do corpo negro por parte do colonizador e os estereótipos construídos sobre a mulher negra, as colocam em um lugar onde elas são fortes, aguentando receber sobre si todo o tipo de violência; hipesssexualizadas, sendo colocadas em um lugar para dar prazer ao homem; inferiores, pois não são tratadas como humanas e podem receber sobre os seus corpos a falta de humanidade e afetividade.

A violência de gênero é naturalizada pelo patriarcado, o qual vê a mulher como propriedade do homem. Segundo o Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil¹⁴, entre 1980 e 2013, 106.093 brasileiras foram assassinadas. De 2003 a 2013, este número aumentou para mais de 21%, saltando de 3.937 para 4.762. Os dados são ainda mais alarmantes quando se trata de mulheres negras, a taxa de feminicídio aumentou em 54%, entre 2003 a 2013, passando de 1.864 para 2.875. Enquanto que o assassinato de mulheres brancas, no mesmo período, foi diminuído em 9,8%, reduzindo de 1.747 para 1.576. A alta taxa de feminicídio acometido as mulheres negras é um reflexo do período colonial, pois devido as constantes violências sofridas pelo corpo negro, ele também se tornou um corpo fechado para a afetividade e reflete isto em suas relações sociais.

Imagino que, após o término da escravidão, muitos negros estivessem ansiosos para experimentar relações de intimidade, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados para praticar a arte de amar. Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação. Estavam assim se utilizando dos mesmos métodos brutais que os senhores de engenho usaram contra eles. Sabemos que sua vida não era fácil; que com a abolição da escravatura os negros não ficaram imediatamente livres para amar. hooks, 1993, p. 232

Segundo SILVA (2008), é impossível pensar a relação da mulher negra com seu corpo e sua feminilidade sem considerar a trajetória histórica em que o corpo negro passou, pois, “a mulher negra é historicamente desinvestida de qualquer possibilidade que a permitisse exercer a sua feminilidade” (SILVA, 2008, p. 19). Logo, a universalização pregada e propagada pelo feminismo não abarca as questões da mulher negra, pois elas nunca puderam exercer o seu direito a dita feminilidade, não se sentindo representadas pelas pautas das mulheres brancas, que são sempre retratadas como o sinônimo da feminilidade.

Diante desta conjuntura, o corpo da mulher negra encontra-se em um estado de baixa autoestima devido a uma cultura que prega o ideal de um corpo que não a representa e nunca será possível se assemelhar completamente a ele, mesmo que a mulher negra alcance espaços predominantes brancos. Deste modo, a sociedade e suas padronizações “exercem um efeito negativo na [sic] auto-estima da mulher negra, que ter sua estética insultada desde a infância, através da educação formal e informal” (SILVA, 2008, p. 15). O corpo da mulher negra se depara com a solidão, a qual é ocasionada pela mistura de diversos fatores que as põe em um lugar de subalternidade, inclusive a afetiva.

¹⁴ Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf

O colorismo, que também é chamado de pigmentocracia, analisa e segrega o indivíduo a partir da sua tonalidade de pele, sendo que, quanto mais escura for, mais exclusão o indivíduo sofrerá, independentemente da sua origem racial (SILVA, 2017). Essa classificação é mais uma forma de hierarquizar e dicotomizar o indivíduo através da discriminação racial. Isso explica a divisão que é feita para a mulher negra, onde, quando ela é mais clara, mais se assemelha ao ideal, a tonalidade da pele branca, sendo colocada no lugar de hiperssexualizada e tendo mais privilégios que a mulher negra retinta.

A poesia de NEGAFYA¹⁵ (2018) retrata a questão da solidão da mulher negra, evidenciando a sua relação com o colorismo. Quanto mais a mulher negra se assemelhar a traços considerados da negritude, mais propensa estará a solidão, pois, apesar do colonialismo, a miscigenação e a sua democracia racial terem acabado, os seus conceitos ainda estão presentes nas ideologias que permeiam e influenciam a sociedade, sua cultura e, conseqüentemente, suas relações sociais. Neste contexto, quanto mais escura for a cor da pele, mais preconceitos e exclusão a pessoa sofrerá. A autora também critica a posição do feminismo e a sua universalização do que é ser mulher a partir da narrativa das mulheres brancas, evidenciando a importância do lugar de fala das mulheres negras sobre as particularidades que as envolvem, como é o caso da solidão por conta de sua cor.

Mulher, um ser que resiste a si. Mulher, quanto mais melanina tiver, maior a sua dor, pouco se tem amor. Tudo isso pra nós é um fator e você, sabe o que é isso? Claro que não! Você que foi feita para casar, enquanto eu, mulher negra, nós, mulheres negras, sempre servimos para transar, saciar o homem branco, homens negros que também vinham nos maltratar. Mulher, um ser que resiste a si. Mulher, quanto mais melanina tiver, maior a sua dor, pouco se tem amor. É o que? É o que que você quer falando da mulher preta? Que linha de intimidade que você tem pra falar da minha solidão? Então, você que tem homem jogado a seus pés e fica pagando de vítima. Você pode ter um cabelo um pouco encrespado, mas a cor da tua pele coloca você num lugar privilegiado. Então não venha falar, porque você não sabe o olhar de um homem para a mulher preta, só desejando transar, saciar o seu bel prazer, enquanto que com você ele vai andar de mãos dadas e no final das contas, meu bem, vai assumir como namorada. E a mim? A mim, nada! Então, desgraça, largue desse vitimismo, desse falso discurso do feminismo, e fique na sua! Porque solidão e feminicídio quem sofre de verdade são as mulheres como eu, as mulheres estereotipadas, as mulheres estereotipadas com traços marcantes de negras das senzalas. Então fique na sua, assuma seus privilégios e tente combata-los, mas não venha falar da solidão da mulher preta, porque você não tem direito! NEGAFYA, 2018

A solidão da mulher negra ocorre devido ao imaginário de que ela não foi feita para construir relacionamentos afetivos e sim para servir ao homem. Seu estereótipo foi construído pela visão do homem branco europeu, para que ele pudesse utilizar ela como se fosse um

¹⁵ Vídeo de Negafya disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OfiS9KTcVzA>

objeto, sem culpa pelo uso da violência sobre aquela pessoa. A solidão da mulher negra pode ser acentuada caso ela não se encaixe em outros padrões estéticos impostos pela sociedade ocidental.

Como pude observar, nesta pesquisa, “ser mulher negra”, no campo afetivo, traz mais desvantagens do que vantagens na vida amorosa, devido aos signos corporais racializados, por exemplo, ter a “pele retinta”, lábios “grossos”, ser “gorda”, fora do padrão estético hegemônico da mulher de “pele clara”, “branca”, de “cabelos lisos”, corpo “magro”. Estes são critérios raciais que designam um conjunto de preferências e valores morais, intelectuais e afetivos. PACHECO, 2008, p. 37

RARA (2017) conta sobre o histórico de emprego entre as mulheres negras que compunham a sua família, onde “a minha avó foi doméstica. A minha mãe foi doméstica. E eu também fui doméstica”. Percebe-se que o trabalho de empregada doméstica é repassado de geração a geração entre as mulheres negras e se assemelha aos períodos coloniais. A diferença é que, na atualidade, os moldes coloniais sofreram mudanças em suas características se tornando mais sutil. Porém ainda carregam consigo as marcas do passado, a dor que é imposta ao corpo das mulheres negras. É possível perceber isto no discurso de RARA (2017), onde ela conta que “quando eu falei para minha mãe que seria doméstica, ela começou a chorar. E eu fiquei sem entender, mas ela já sabia que tudo que ela passou trabalhando nas casas de família aqui do Brasil, eu também passaria”.

E eu sempre falo que o que era a casa-grande no passado são os apartamentos de luxo hoje. O que eram os escravos domésticos no passado, e é um passado não tão distante, está bem pertinho da gente, são as empregadas domésticas hoje. A senzala moderna é o quartinho da empregada. RARA, 2017

Nesta conjuntura, a mulher negra que atua como empregada doméstica se depara com a desumanidade e descaso por conta de uma ideologia colonial que ainda está presente nas relações sociais afetivas da atualidade. Elas têm que lidar com “exploração do trabalho pelos padrões (as), violência física, humilhação, discriminação racial, assédio sexual” (PACHECO, 2008, p. 107), além de serem constantemente silenciadas. “Esses marcadores sociais - gênero-classe-raça-geração - combinados, foram os elementos estruturadores de sua trajetória social e afetiva” (PACHECO, 2008, p. 107), a qual, geralmente, está fadada a solidão e ao emprego doméstico. A desumanidade imposta a seus corpos lhes causa sérias marcas que não são visíveis, estão escondidas sobre as suas ações, gestos, olhares, os quais carregam o peso diário do que é ser uma mulher negra que atua como empregada doméstica em uma sociedade que naturaliza a sua inferioridade e o silenciamento.

Maria, Maria / É um dom, uma certa magia / Uma força que nos alerta / Uma mulher que merece viver e amar / Como outra qualquer do planeta / Maria, Maria / É o som, é a cor, é o suor / É a dose mais forte e lenta / De uma gente que ri quando

deve chorar / E não vive, apenas aguenta / Mas é preciso ter força / É preciso ter raça
/ É preciso ter gana sempre / Quem traz no corpo a marca. NASCIMENTO¹⁶, 2018

5. OBJETIVOS

5.1 GERAL

Entender de que forma a colonização e seu embate com o corpo atingiram a construção de afetividades de mulheres negras atuantes como empregadas domésticas na cidade de Salvador

5.2 ESPECÍFICOS

- Descrever a história que aborde o colonialismo e a construção de afetividades;
- Descrever sobre a questão dos feminismos e a hierarquização dos papéis de gênero, com enfoque racial;
- Realizar entrevistas de mulheres atuantes como empregadas domésticas na cidade de Salvador.

6. PERGUNTA DE PESQUISA

Como se deu a construção de afetividades de mulheres negras atuantes como empregadas domésticas na cidade de Salvador?

7. METODOLOGIA

Devido ao contexto de hierarquia racial, gênero, sexual e classe existente no Brasil, esta pesquisa busca dar o lugar de fala para as mulheres negras empregadas domésticas atuantes em Salvador - BA através de entrevistas narrativas. Os discursos obtidos pelas entrevistas serão analisados comparativamente, buscando encontrar semelhanças e diferenças entre eles a partir da trajetória particular de cada entrevistada. Essa observação estará atrelada a utilização de métodos pesquisa de revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa para que seja possível analisar, interpretar e questionar divergências e semelhanças.

¹⁶ Vídeo de Milton Nascimento disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>

A entrevista narrativa será utilizada de acordo com o conceito de MUYLAERT et al. (2014, p. 197), onde elas “são mais apropriadas para captar histórias detalhadas, experiências de vida de um sujeito ou de poucos sujeitos”. De modo que as entrevistadas possam agir de forma livre e contar aspectos que achem interessantes serem ditos sobre a sua vida social afetiva. Busca-se compreender também o não-dito, observar as características paralinguísticas, que envolvem atitudes como gestos, tom de voz, pausas e expressões (MUYLAERT et al., 2014). A importância de observar o não-dito se vem da noção que cerca a afetividade e as emoções, as quais podem não corresponder com o que se é falado.

Como pesquisadora, a minha interferência durante as entrevistas deverá ser a mínima possível, pois o foco é dar o lugar de fala para as narrativas que foram sempre silenciadas. É importante ouvir as histórias de vida das mulheres negras que atuam como empregadas domésticas para que sejam construídas novas narrativas. Outro aspecto importante para a entrevista narrativa é a questão da afetividade e relação entre pesquisador e pesquisado, onde não buscarei adotar uma postura em que trato o pesquisado apenas como um objeto de pesquisa a ser analisado. Buscarei humanizar esta relação dentro de determinados limites, para que haja um conforto e naturalidade das entrevistadas ao compartilharem suas histórias de vida comigo.

A adequação do diálogo de acordo com o vocabulário das entrevistadas será utilizada para que haja uma maior interação entre elas e eu, lugar em que a linguagem acadêmica não possua espaço. A linguagem veiculada dentro do ambiente acadêmico é excludente devido ao fato de que estes espaços foram inicialmente criados para que homens brancos pudessem ter acesso a uma educação superior e adquirir mais conhecimentos, sendo a sua linguagem tendo sido construída a partir da perspectiva europeia e branca. É importante ressaltar que o discurso encontrado durante a pesquisa pode não corresponder com as narrativas encontradas nas entrevistas, o que me dá espaço, como pesquisadora, para questionar e interpretar as diferenças encontradas. Isso pode acontecer devido ao fato de que cada indivíduo representa uma história única, a qual pode ter semelhança com os demais por conta do contexto de hierarquização entre humanos existente no Brasil, mas também poderá conter diferenças.

As questões exmanentes referem-se às questões da pesquisa ou de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e aprofundamento no tema a ser pesquisado (exploração do campo). Essas questões devem ser transformadas em imanentes, sendo essa tarefa crucial no processo de investigação, que deve ao mesmo tempo ancorar questões exmanentes na narração, sempre utilizando a linguagem do informante. As questões imanentes são temas e tópicos trazidos pelo informante,

elas podem ou não coincidir com as questões exmanentes. MUYLAERT et al., 2014, p. 195

As comparações entre as entrevistas buscam compreender as diversas experiências que estão relacionadas devido a dois pontos em comum: a questão da raça e o tipo de trabalho que elas desempenham, o emprego doméstico. Estas também serão analisadas a partir da introdução de elementos cinematográficos, músicas e produções literárias, como poemas e poesias, para incrementar a pesquisa e trazer contextos fora do ambiente acadêmico.

Em relação aos critérios de seleção das mulheres entrevistadas, serão selecionadas mulheres negras que possuam perfis diversos, como: idade, estado civil, escolaridade, tempo de serviço e composição familiar. É importante ressaltar que a noção de raça é mutável no Brasil, sendo bastante complexa devido ao contexto em que o país foi construído. A ideia de raça gira em torno de uma noção, muitas vezes, depreciativa. De acordo com GLASS (2012, p. 898), “a raça não é uma característica natural ou biológica das pessoas ou de grupos, mas sim um princípio estruturante que informa como os grupos interagem e fornece normas e padrões dentro dos quais os indivíduos fazem escolhas sobre suas próprias identidades”.

A noção de raça e racismo estão atreladas, onde o segundo, de acordo com GLASS (2012, pp. 888 – 889), “é uma formação ideológica que se instala dentro de uma estrutura de privilégios e poderes e se manifesta por toda a complexa rede de culturas que constitui uma nação”. Por conta disto, as entrevistadas irão definir a sua identidade racial, a qual poderá partir do princípio de negação quanto a si mesma, algo imposto desde o período colonial, pois o racismo “se revela por meio de atitudes individuais, sentimentos e crenças, praticas institucionais discriminatórias, ideias e símbolos e, ainda, por uma extensa variedade de atos presentes no cotidiano” (GLASS, 2012, p. 889).

A metodologia aplicada nesta pesquisa buscará analisar os contextos socioculturais em que as narrativas de vida das entrevistadas foram construídas e os fatores que estão envolvidos na mudança de comportamentos para que seja possível compreender de que modo se dão as relações sociais afetivas das mulheres negras que atuam como empregadas domésticas em Salvador. Como pesquisadora, partirei do princípio de que haverá uma interação comigo e as entrevistadas e que ambas sairemos diferentes desta relação. O quesito da afetividade e humanidade possibilitadas na entrevista narrativa é de suma importância diante da pergunta de pesquisa que envolve este estudo.

8. CRONOGRAMA

2019	2019.1	2019.2	2020.1	2020.2	2021.1	2021.2
Levantamento Teórico	X	X				
Entrevistas narrativas		X	X	X		
Escrever monografia					X	X

REFERÊNCIAS

- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos pagu**, São Paulo. v. 29, julho-dezembro de 2007: pp. 91-109. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n29/a05n29.pdf>>. Acesso em: Outubro de 2018.
- CÉSAR, Chico. Negão. Youtube. 21 set. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T9m-zRE9kQk>>. Acesso em: Outubro de 2018.
- Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: Outubro de 2018.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Emenda Constitucional nº 72/2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm>. Acesso em: Outubro de 2018.
- GLASS, Ronald D. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 93, n. 235, p. 883-913, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v93n235/17.pdf>>. Acesso em: Setembro de 2018.
- GUILLAUMIN, Colette. “Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos” a respeito da raça e do sexo. **Revista Estudos Feministas**, Araranguá. ano 2, segundo semestre, 1994. Disponível em: <<http://nigs.paginas.ufsc.br/files/2012/09/colette1.pdf>>. Acesso em: Setembro de 2018.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- hooks, bell. Living to love. 1993 pp. 231-236 Disponível em: <<https://sociologyandfamily.files.wordpress.com/2010/02/livingtolove026.pdf>>. Acesso em: Outubro de 2018.
- KILOMBA, Grada. “The Mask” In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Tradução por Jessica Oliveira de Jesus. Münster: Unrast Verlag, 2 ed, 2010.
- Lei complementar nº 150. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2015/leicomplementar-150-1-junho-2015-780907-publicacaooriginal-147120-pl.html>>. Acesso em: Outubro de 2018.
- LUNA, Luedji. Um corpo no mundo. Youtube. 13 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>>. Acesso em: Outubro de 2018.
- Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: Setembro de 2018.
- MOUTA, Fernando. Atalhos para o Novo Mundo: as Rotas do Tráfico de Escravos para as Índias de Castela (1604-1624). S/D. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15245.pdf>>. Acesso em: Setembro de 2018.

MUYLAERT, C. J. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev Esc Enferm**, São Paulo. 48(Esp2), 2014: pp. 193-199. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em: Setembro de 2018.

NASCIMENTO, Milton. Maria, Maria. Youtube, 20 set. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>>. Acesso em: Outubro de 2018.

NEGAFYA. Solidão da mulher preta. Youtube, 17 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0fiS9KTcVzA>>. Acesso em: outubro de 2018.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. “BRANCA PARA CASAR, MULATA PARA F..., NEGRA PARA TRABALHAR”: ESCOLHAS AFETIVAS E SIGNIFICADOS DE SOLIDÃO ENTRE MULHERES NEGRAS EM SALVADOR, BAHIA.. 2008. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PED. O Emprego Doméstico na Região Metropolitana de Salvador. 2018. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/analiseped/2018/2018empreDomSSA.pdf>>. Acesso em: Setembro de 2018.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B. de, SZWAKO; J. E. (orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. pp. 116-149.

OIT. Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça: desafios para promover o Trabalho Decente no Brasil. 2005. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/ped/ped_estudos_especiais/empregodomestico.pdf>. Acesso em: Setembro de 2018.

RARA, Preta. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo&t=556s>. Acesso em: Outubro de 2018.

RARA, Preta. Eu Empregada Doméstica. Youtube, 12 jan. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_d_n-z3s8Lo&t=556s>. Acesso em: Outubro de 2018.

RIBEIRO, Djamilia. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANTOS, Adriana Cristina dos, et al. A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O MITO DO AMOR ROMÂNTICO. Maceió, v. 2, n.2, p. 105-120, Nov. 2014. Disponível em: <periodicos.set.edu.br>. Acesso em: Outubro de 2018.

SILVA, Marystela Tomaz de Andrade. MULHERES NEGRAS: A NEGAÇÃO DOS ESTEREOTIPOS E A LUTA PELA CIDADANIA. 65 f. Tese (Pós-Graduação) - História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Educação e Ações Afirmativas no Brasil, Universidade Tuiuti Paraná, Curitiba, 2008.

SILVA, Andressa Marques da. POR UMA PROMESSA DE VIDA MAIS VIVA: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo. 129 f. Tese (Pós-Graduação) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Tainan Silva e. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. *Direito UNIFACS - Debate Virtual*. n. 201 (2017): Março.

SILVA, T. L., MEDRADO, B., MELO, D. S. P. de. MENINAS E MENINOS ADOLESCENTES CONSTRUINDO SENTIDOS PARA O CIÚME EM SUAS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS: VIOLÊNCIA DISFARÇADA DE AMOR!?. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373215563_ARQUIVO_VersaoFinalLOW,FGENERO2013.pdf>. Acesso em: Outubro de 2018.